

Sexual and Reproductive Health beyond the binary gender: what is the role of the obstetrician-gynecologist?

Saúde sexual e reprodutiva para além do género binário: qual o papel do ginecologista-obstetra?

Inês Nunes¹

A saúde sexual de acordo com a OMS consiste num “estado de bem-estar físico, emocional, mental e social em relação à sexualidade; não é meramente a ausência de doença ou disfunção. A saúde sexual requer uma abordagem positiva e respeitadora da sexualidade e das relações sexuais, bem como a possibilidade de ter experiências sexuais prazerosas e seguras, livres de coerção, discriminação e violência. Para que a saúde sexual seja alcançada e mantida, os direitos sexuais de todas as pessoas devem ser respeitados, protegidos e cumpridos.” (WHO, 2006^a, updated 2010)¹. A saúde reprodutiva “...implica que as pessoas sejam capazes de ter uma vida sexual satisfatória e segura e que tenham a capacidade de se reproduzir e a liberdade de decidir se, quando e com que frequência o farão” (WHO, 2006^a)¹.

Em Maio de 2019, no *New England Journal of Medicine* foi publicado um caso clínico descrevendo as potencialidades e limitações da classificação sexual e de género na medicina². *Sam*, 32 anos de idade, recorreu ao serviço de urgência apresentando dor abdominal intensa e intermitente. Apesar de revelar a sua identidade transgénero, o registo clínico eletrónico assumiu o género afirmado como masculino e, portanto, a equipa médica avaliou-o como um homem com uma condição clínica não urgente. Horas mais tarde, *Sam* dava à luz um recém-nascido sem vida. Este caso trágico levanta questões de extrema relevância em medicina: os cuidados de saúde sexual e reprodutiva (SSR) de que dispomos e somos agentes respondem às necessidades

da comunidade Lésbica, Gay, Bissexual, Transexual/Transgénero, Queer, Intersexual, Assexual e Outros (LGBTQIA+)? Qual é a evidência empírica sobre as necessidades desta população? Qual é a frequência de casos como o de *Sam*? De que conhecimentos/formação necessitam os profissionais de saúde para promover a SSR das minorias sexuais e de género? Neste número da AOGP, é publicado um estudo que teve como objetivo compreender a perspetiva, experiência clínica, nível de conhecimentos e necessidades formativas dos profissionais de SSR portugueses que prestam cuidados à comunidade LGBTQIA+, através da aplicação de um inquérito *online* a um total de 324 médicos³. Os resultados são deveras preocupantes – mais de um terço (37,0%) considerou o seu nível de preparação para prestar cuidados de SSR a indivíduos LGBTQIA+ como ‘razoável/nenhum’, apontando a inexperiência do profissional (58,0%) e a falta de informação (51,9%) como as principais dificuldades; a maioria (96,0%) reconheceu a importância de realizar formações/workshops nesta área. De facto, em Portugal, é necessário fazer-se um caminho de melhoria do conhecimento nesta área, através da formação e desenvolvimento de competências em SSR, para que se garanta verdadeiramente a promoção e preservação da saúde, no seu verdadeiro sentido, às minorias sexuais e de género. Destaco ainda um outro estudo original publicado nesta edição sobre a Consulta de Planeamento Familiar que deverá constituir uma oportunidade-chave para a promoção da saúde global e não apenas a implementação de medidas contraceptivas⁴.

Assim, os ginecologistas-obstetras e todos os profissionais de saúde que trabalham na área da SSR e que se esforçam por promover cuidados inclusivos deverão ter formação sobre as necessidades e aspetos específicos da SSR de todos os géneros e não apenas daqueles

1. Diretora de Serviço de Ginecologia e Obstetrícia do Centro Hospitalar Vila Nova de Gaia/Espinho, Porto, Portugal. Investigadora, CINTESIS, Universidade do Porto, Portugal. Secretária-Geral da Sociedade Portuguesa de Obstetrícia e Medicina Materno-Fetal. Membro Associado da FIGO – *Committee on Childbirth and PPH*.

que são cisgênero. Em 2011, a ACOG publicou a primeira orientação sobre Cuidados de Saúde para Indivíduos Transgênero e com Diversidade de Género, tendo sido recentemente atualizada⁵. Homens transgênero, com anatomia feminina interna e externa necessitarão de cuidados de SSR como aconselhamento contraceptivo, educação para a saúde reprodutiva, rastreio de cancro da mama e ginecológico, despiste e tratamento de DSTs, bem como regulação menstrual. É ainda fundamental que os ginecologistas-obstetras tenham conhecimento sobre as várias opções hormonais e cirúrgicas para afirmação de género, já que estas intervenções afetam as necessidades de SSR.

As sociedades médicas e científicas nacionais deverão trabalhar no sentido de ajudar a capacitar os nossos profissionais de saúde para os cuidados adequados a indivíduos transgênero e com diversidade de género, assegurando uma promoção da saúde da população verdadeiramente inclusiva, desde os cuidados de saúde primários até aos cuidados de saúde especializados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. <https://www.who.int/teams/sexual-and-reproductive-health-and-research/key-areas-of-work/sexual-health/defining-sexual-health>
2. Stroumsa D, Roberts EFS, Kinnear H, Harris LH. The power and limits of classification – A 32-year-old man with abdominal pain. *New Engl J Med.* (2019) 380:1885-8. doi: 10.1056/NEJMp1811491
3. Antunes D, Rolha A, Melo D, Bombas T. LGBTQIA+ e Saúde Sexual e Reprodutiva: Resultados de um inquérito aos médicos portugueses. *Acta Obstet Ginecol Port* 2023;17(2):111-127.
4. Amaral PP, Abrantes SS, Miranda MS, Landim E, Matos F, Pereira JS. A consulta de Planeamento Familiar como oportunidade-chave na vida da mulher: visão dos profissionais de saúde. *Acta Obstet Ginecol Port* 2023;17(2):129-133
5. ACOG Committee Opinion No. 823, Health Care for Transgender and Gender Diverse Individuals: Correction. *Obstet Gynecol.* 2022 Feb 1;139(2):345. doi: 10.1097/AOG.0000000000004684. PMID: 35104080.

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA

Inês Nunes

E-mail: nunes.ing@gmail.com